



ASPECTOS ECOLÓGICOS E POTENCIAL DE USO DE SAMAMBAIAS E LICÓFITAS OCORRENTES NA SERRA DO VALE DOS SONHOS, MATO GROSSO

Nayara Dias Alves Teixeira

naydias_bio@hotmail.com

Universidade do Estado de Mato Grosso, Departamento de Ciências Biológicas, Nova Xavantina, MT..

Carlos Kreutz – Universidade do Estado de Mato Grosso, Departamento de Ciências Biológicas, Nova Xavantina, MT. carlos.kreutz@hotmail.com.

Francisco de Paula Athayde Filho - Universidade do Estado de Mato Grosso, Departamento de Ciências Biológicas, Nova Xavantina, MT. fpafilho@terra.com.br.

INTRODUÇÃO

A mata de galeria (formação florestal) e o cerrado rupestre (formação savânica) são os tipos vegetacionais do Cerrado que detêm a maior riqueza de samambaias e licófitas (Windisch 1996), embora a última não possua condições ambientais amenas para a sobrevivência dessas plantas. Para ocuparem ambientes de condições extremas, como os também encontrados em regiões áridas e salobras, as samambaias e licófitas apresentam diversas adaptações ecológicas, permitindo sua ampla distribuição geográfica (Windisch 1992). As importâncias ecológicas e de usos potenciais das samambaias e licófitas são inestimáveis. Pois além de comporem um grupo fundamental para o estabelecimento e crescimento de vegetais e animais (Prado 2003), são bastante utilizadas pelas populações tradicionais para ornamentação, produção de artesanato, bebidas e principalmente para fins medicinais (Navarrete *et al.* 2006).

OBJETIVOS

O presente estudo tem como objetivos caracterizar os aspectos ecológicos e determinar o potencial de uso das espécies de samambaias e licófitas ocorrentes na Serra do Vale dos Sonhos, MT.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo foi realizado na Serra do Vale dos Sonhos, localizada nas imediações do distrito de Vale dos Sonhos, município de Barra do Garças-MT. As fitofisionomias de Cerrado mais comuns na região são as matas de galeria e cerrado rupestre, sendo que as primeiras estão diretamente associadas a diversas nascentes de córregos presentes nas encostas da serra, que apresenta altitude variando de 430 a 640m. O levantamento das espécies de samambaias e licófitas da serra foi realizado através de caminhadas gerais (Windisch 1992) em diversos pontos. A determinação das espécies foi feita no Laboratório de Criptógamos da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, campus de Nova Xavantina, sendo que para as samambaias adotou-se o sistema de classificação de Smith *et al.* (2006). Para as licófitas foi considerado o de Kramer e Green (1990). O material amostrado encontra-se depositado no Herbário NX, da mesma Instituição. Os aspectos ecológicos, incluindo hábito, preferência por substrato e forma de vida, foram obtidos a partir de observações em campo e consulta à literatura especializada. O

potencial de uso das samambaias e licófitas foi obtido através de consulta à bibliografia especializada, classificando-as em categorias de uso, adaptadas de Navarrete *et al.* (2006), da seguinte forma: medicinal, ornamental, ritualístico, material (como utensílios e matérias primas), e outros.

RESULTADOS

Foram registradas 29 espécies e duas variedades de samambaias e licófitas, distribuídas em 18 gêneros e 12 famílias. A família com maior representatividade específica foi Anemiaceae (24,1% do total), enquanto o gênero mais rico foi *Anemia*. Em relação aos aspectos ecológicos, a grande maioria das espécies (26 espécies, 89,6%) apresentou o hábito herbáceo, enquanto 17 espécies (58,6%) se portaram como terrícolas, quanto ao substrato. Em relação às formas de vida, a mais observada foi a hemicriptófita rosulada, exibida por 16 espécies (55,2%). Tratando-se do potencial de uso das samambaias e licófitas coletadas na serra do Vale dos Sonhos, para apenas 13 espécies foram atribuídos registros de uso, baseado na literatura especializada, e todas possuem propriedades medicinais (100%). Além disso, uma (7,7%) é utilizada em rituais, quatro (30,1%) são utilizadas como material para confecção de artesanato e utensílios na construção de casas, e duas (15,4%) para ornamentação. As demais não têm seu uso potencial conhecido.

DISCUSSÃO

Em levantamentos florísticos de segmentos florestais do rio Pindaíba, em Barra do Garças-MT, realizados por Athayde Filho e Felizardo (2007), foi observada a maior representatividade do hábito herbáceo, da preferência terrícola e da forma de vida hemicriptófita rosulada, corroborando assim o observado no presente trabalho e em muitos outros estudos desenvolvidos na região. A forma de vida hemicriptófita garante maior resistência às condições adversas e perturbações do meio, o que explica sua maior representatividade (Kornás 1985). Em estudo realizado por Santos e Sylvestre (2006) em um afloramento rochoso do Rio de Janeiro, foi verificado que das espécies com usos atribuídos a maioria possui propriedades medicinais. Também Keller *et al.* (2011) em estudos etnopteridológicos na Argentina, observou-se maior representatividade do potencial de uso medicinal para as samambaias e licófitas analisadas, seguido pelo ornamental e comercial (como material) e mágico em rituais. Assim, este padrão de distribuição dos usos atribuídos das espécies parece ser semelhante ao verificado neste estudo.

CONCLUSÃO

Verifica-se a necessidade de mais estudos no Cerrado direcionados ao levantamento dos aspectos ecológicos das samambaias e licófitas, já que assim é possível se obter mais informações sobre sua biologia e ecologia. Mas quando se trata do uso potencial de samambaias e licófitas a carência de estudos é ainda maior, sendo que seu conhecimento poderá ser utilizado como uma importante ferramenta na produção de técnicas de manejo para a conservação das samambaias e licófitas e de seus ambientes, visto que muitas dessas plantas são retiradas diretamente da natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATHAYDE FILHO, F. P. e FELIZARDO, M. P. P. 2007. Florística e aspectos ecológicos da pteridoflora em três segmentos florestais ao logo do Rio Pindaíba, Mato Grosso. Pesquisas, Botanica, v. 58, p. 227-244.

KELLER, A. H., TORRES, E. I. M. & PRANCE, G. T. 2011. Ethnobotany of the Guaraní of Misiones Province, Argentina. American Fern Journal, v. 101, n. 3, p. 193-204.

KORNÁS, J. 1985. Adaptive strategies of African pteridophytes to extreme environments. In: DYER, A. F. e PAGE, C. N. (Ed.). Biology of Pteridophytes. Proceedings of the royal society of Edinburgh, v. 86, n. B, p. 391-

396.

KRAMER, K. U. e GREEN, P. S. 1990. Pteridophytes and Gymnosperms Vol. I. In: Kubitzki, K. (Ed.). The families and genera of vascular plants. Berlin: Springer-Verlag, 404 p.

NAVARRETE, H., LEÓN, B., GONZALES, J., AVILES, D. K., RECARO, J. S., MELLADO, F., CASTILLO, J. A. A. & ØLLGAARD, B. 2006. Helechos. In: MORAES, M. R., ØLLGAARD, B., KVIST, L. P., BORCHSENIUS, F. & BALSLEV, H. (Ed.). Botánica Económica de los Andes Centrales. La Paz: Universidad Mayor de San Andrés, p. 385-411.

PRADO, J. 2003. Pteridófitas do estado de São Paulo. São Paulo: IBt, 61p

SANTOS, M. G. e SYLVESTRE, L. S. 2006. Aspectos florísticos e econômicos das pteridófitas de um afloramento rochoso no Rio de Janeiro, Brasil. Acta Botânica Brasílica, v. 20, n. 1, p. 115-124.

SMITH, A. R., PRYER, K. M., SCHUETTPELZ, E., KORALL, P., SCHNEIDER, H. & WOLF, P. G. 2006. A classification for extant ferns. Taxon, v. 55, p. 705-731.

WINDISCH, P. G. 1992. Pteridófitas da região Norte-ocidental do Estado de São Paulo: guia para estudo e excursões. 2ª ed. São José do Rio Preto: UNESP, 92p.

WINDISCH, P. G. 1996. Pteridófitas do Estado de Mato Grosso – Hymenophyllaceae. Bradea, v. 7, n. 47, p. 400-423.